

ADNAN ABDI/REUTERS-19/1/2024



países e territórios emergentes com mais de 5 milhões de habitantes tiveram um aumento do PIB per capita de mais de 3,5% ao ano, em média, nos últimos 50 anos (entre 1965 e 2016), todos asiáticos – China, Hong Kong, Indonésia, Malásia, Cingapura, Coreia do Sul e Tailândia.

Entre as 11 economias emergentes que cresceram ao menos 5%, de 1995 a 2016, 8 são da Ásia – Índia, Camboja, Vietnã, Mianmar, Laos, Casaquistão, Usbequistão e Turcomenistão. Num período mais curto, entre 2011 e 2018, outros três países asiáticos se destacam, com crescimento de pelo menos 3,5% – Bangladesh, Filipinas e Sri Lanka. Não por acaso, a Ásia contribuiu com 57% do crescimento do PIB global entre 2015 e 2021.

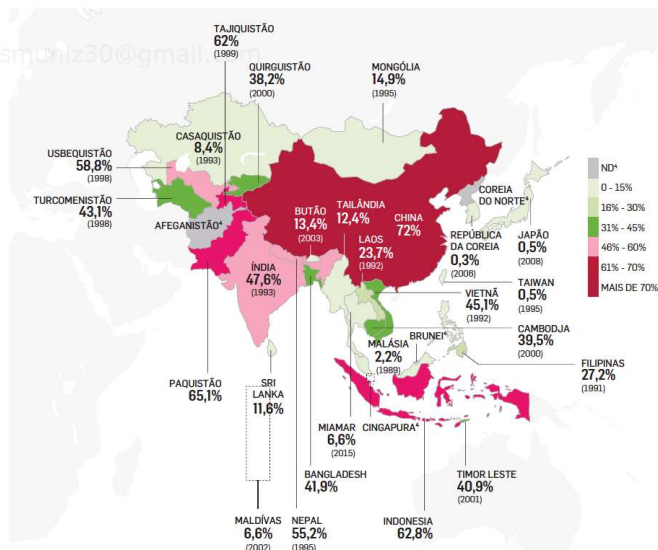
**BEM-ESTAR.** O “milagre” econômico teve um efeito direto no bem-estar da população. Entre 1960 e 2022, o PIB per capita dos países da Ásia Meridional passou de US\$ 330, em 2010, para US\$ 1.986, em 2022, conforme o Banco Mundial – seis vezes mais. Na Ásia Oriental e na região do Pacífico, o PIB per capita cresceu quase 11 vezes, de US\$ 1.112 para US\$ 12.090 no mesmo período, e o do Brasil, 3,4 vezes, de US\$ 2.578 para US\$ 8.831, também em valores de 2010, enquanto o PIB mundial aumentou apenas três vezes, de US\$ 3.613 para US\$ 11.314.

Além de gerar empregos e engordar rapidamente a renda da população, o crescimento acelerado alavanca o desenvolvimento humano, ao permitir que as pessoas cuidem melhor da saúde, comam melhor e possam viver mais, de acordo com outro estudo, do Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido, hoje rebatizado de Escritório para Comunidade Estrangeira e Desenvolvimento (FCDO na sigla em inglês).

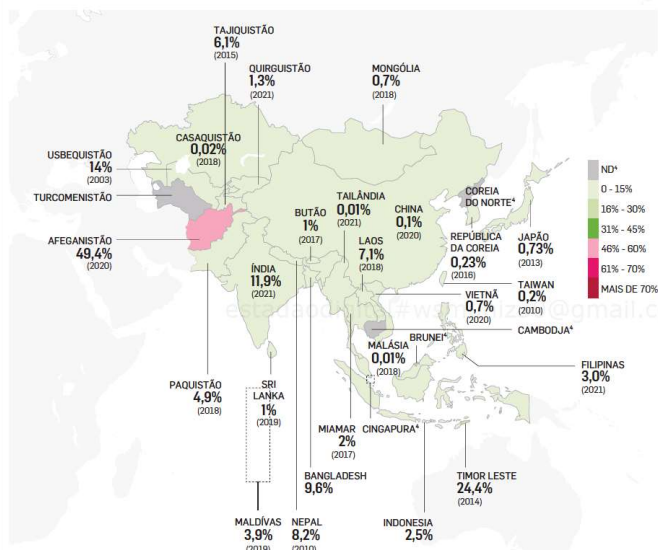
## METAMORFOSE ASIÁTICA

Nas últimas décadas, a taxa de pobreza<sup>1</sup> teve uma queda significativa na maioria dos países da Ásia<sup>2</sup> – em % da população

1990<sup>3</sup>



2022<sup>3</sup>



<sup>1</sup> PORCENTAGEM DE INDIVÍDUOS VIVENDO EM FAMÍLIAS COM CONSUMO DIÁRIO DE RENDA PER CAPITA INFERIOR A US\$ 2,15 POR DIA EM VALORES DE 2017, CONSIDERANDO A PARIDADE DO PODER DE COMPRA (PPP); <sup>2</sup> INCLUI OS PAÍSES DA ÁSIA CENTRAL, MERIDIONAL E ORIENTAL. EXCLUI OS PAÍSES DO ORIENTE MÉDIO; <sup>3</sup> DADOS DE 1990 DO MAIS PRÓXIMO DOS MAIS ANTIGOS DISPONÍVEIS; \* DADO NÃO DISPONÍVEL; <sup>4</sup> DADOS DE 2022 DO MAIS RECENTES DISPONÍVEIS

FONTES: BANCO MUNDIAL E BANCO DE DESENVOLVIMENTO DA ÁSIA (ADB) / INFOGRÁFICO: ESTADO

O crescimento, conforme o órgão britânico, gera também círculos virtuosos de prosperidade. “Crescimento forte e oportunidades de emprego aumentam os incentivos para os pais investirem na educação de seus filhos colocando-os na escola. Isso pode levar à emergência de um crescente grupo de empreendedores,

que podem fazer pressão para melhorar a governança”, diz o estudo.

**SUBSÍDIOS.** Ainda que o sistema de proteção social seja pouco desenvolvido na maioria da Ásia, segundo a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), vários países lança-

ram programas de apoio à população mais vulnerável nos últimos anos, contribuindo para reduzir a taxa de extrema pobreza.

As Filipinas, por exemplo, implementaram um programa de transferência de renda que lembra o Bolsa Família, conforme o livro *A viagem da Ásia para a prosperidade*, do

ADB. Também na Malásia e na Tailândia, de acordo com a publicação, os governos implementaram medidas destinadas aos mais pobres. A Mongólia lançou, nos anos 1990, novos programas de proteção social, depois de os antigos terem o financiamento comprometido após o fim da União Soviética, que concedia subsídios polpidos ao país.

Na Índia, há um programa que combina transferências de renda com apoio ao emprego. Mesmo na China, onde a rede de proteção social é limitada, em comparação com países mais generosos, houve aumentos no salário mínimo e na ajuda governamental nas áreas rurais. Seguindo uma tendência global, a China também lançou seu programa de renda mínima, o Dibao, hoje acusado no Ocidente de servir como ferramenta para o regime de Pequim controlar a população, ao negar ou suspender a concessão do benefício de forma pouco transparente.

**CONSENSO.** Agora, apesar de a maioria dos países da Ásia estar colhendo os frutos da industrialização ocorrida nas últimas décadas, em maior ou menor grau, e da abertura da economia, com maior integração nas cadeias globais de produção, os caminhos para alavancar o processo de crescimento, que levou à redução da pobreza extrema na região, variaram muito.

“Não há essa coisa de consenso asiático”, afirma Takehiko Nakao, ex-presidente do conselho do ADB, no prefácio do livro *A viagem da Ásia para a prosperidade*. Nakao contesta a visão de que o crescimento asiático se deveu à participação ativa do Estado nos negócios e na vida econômica. “Faz tempo que eu acho que as discussões sobre o sucesso econômico asiático são muito simplistas”, diz. “O sucesso da Ásia se apoiou nos mercados e no setor privado.”

Ele questiona também a implementação de “políticas industriais” pelos países emergentes para promoção do desenvolvimento. “As economias asiáticas começaram a crescer mais rápido quando deixaram de lado as políticas de intervenção do Estado e focaram no mercado”, afirma.

Segundo Nakao, a política de substituição de importações foi largamente adotada por países em desenvolvimento por influência de ideias socialistas e desejo de autosuficiência. “Mas essa estratégia, proteção comercial, falta de concorrência e taxas de câmbio sobrevalorizadas levaram a sérias ineficiências e algumas vezes até geraram crises na balança de pagamentos, especialmente na América Latina.” ●